

Caso suspeito de hantavirose

21 JAN 2005

MÁRIA FERRI

DA EQUIPE DO CORREIO

Uma síndrome febril hemorrágica de causa ainda indeterminada matou Antônio Ferreira da Silva, 37 anos, morador de Ceilândia e funcionário de uma distribuidora de medicamentos no Setor de Indústrias e Abastecimento (SIA). Ele começou a passar mal por volta das 5h do dia 1º deste mês e morreu na noite do mesmo dia na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Santa Luzia, na Asa Sul, menos de 20 horas após apresentar febre alta, insuficiência respiratória, diarreia e vômitos.

A morte inexplicável de Antônio levou a Secretaria de Saúde a incluir o caso no protocolo de investigação de hantavirose, doença emergente que tirou a vida de 16 pessoas no Distrito Federal e Entorno e contaminou outras 21 no ano passado. Ceilândia foi uma das nove cidades do DF — sem contar o Plano Piloto — com surto confirmado: um morador morreu e outro se curou após o ataque do vírus.

Amostras de sangue de Antônio foram encaminhadas para o Instituto Adolpho Lutz (IAL), em São Paulo, referência no diagnóstico da doença. O resultado dos testes está previsto para ser divulgado na próxima terça-feira. No final da tarde de ontem, a Secretaria de Saúde divulgou nota informando que, além da hantavirose — mal transmitido pelas fezes, urina e saliva de ratos silvestres —, outras três doenças são investigadas: febre amarela, dengue e leptospirose.

Febre infecciosa

“Ele (Antônio) entrou no protocolo de investigação porque apresentou uma febre infecciosa de causas ainda indeterminadas.

Técnicos especialistas estão analisando o caso e esperamos conhecer os motivos da morte até a semana que vem”, comentou o subsecretário de Vigilância em Saúde, Elias Tavares.

Caso a suspeita de hantavirose seja comprovada por meio dos exames, esta será a 12ª morte confirmada da doença no DF. “Mesmo que seja hantavirose, isso não quer dizer que o Distrito Federal esteja sofrendo um segundo surto. Pode tratar-se apenas de um caso isolado”, observou Tavares. “Mais de 200 casos foram investigados e apenas 29 se confirmaram no DF”, acrescentou.

A família aguarda ansiosa o resultado. “Estamos na expectativa e também preocupados. Se ele morreu de hantavirose e se contaminou por aqui, também corremos riscos”, teme o comerciante José Carlos Ferreira, 46 anos, um dos irmãos mais velhos da vítima do mal misterioso. “Minha mulher estava sentindo dores no corpo”, conta.

A família vive e trabalha no Pró DF, no Setor P Sul de Ceilândia. Ainda de acordo com o irmão, a vítima começou a passar mal às 5h do dia 1º. “Antes ele apenas se queixava de dores no corpo. Mas na madrugada da virada do ano, começou a ter vômitos, diarreia, febre alta e falta de ar (*esses dois últimos são sintomas de hantavirose, bem como dores no corpo*)”, lembra José Carlos.

Antônio foi levado a um hospital particular de Ceilândia às

Adauto Cruz/CB



CARLOS FERREIRA, IRMÃO DO HOMEM QUE MORREU, DIZ QUE A FAMÍLIA ESTÁ PREOCUPADA E TEME CONTAMINAÇÃO

Nome: Antônio Ferreira da Silva

Idade: 37 anos

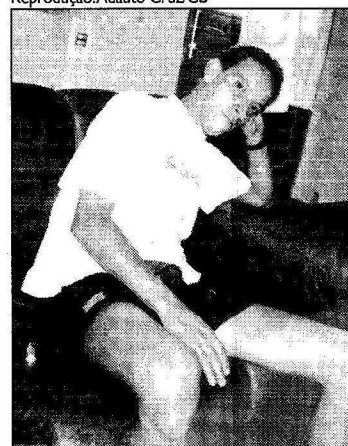
Onde morava: Ceilândia

O que fazia: era funcionário de uma distribuidora de medicamentos no SIA

Sintomas: apresentava febre alta, insuficiência respiratória, diarreia e vômitos

Morte: ele começou a passar mal na madrugada de 1º/1 e morreu na noite do mesmo dia. Deixou um filho de 14 anos

Reprodução: Adauto Cruz/CB



8h30. Depois de exames, acabou sendo encaminhado para o Hospital Santa Luzia, às 14h. “Ele chegou andando e conversando normalmente, mas os médicos o levaram direto para a UTI”, recorda o irmão da vítima.

Antônio morreu por volta das 22h. No atestado de óbito consta como causa da morte uma “síndrome febril hemorrágica”, segundo informou o hospital Santa Luzia.

Depois que o médico levantou a

hipótese de ser hantavirose, José Carlos alimenta uma forte suspeita: o galpão onde mantém uma distribuidora de alho e cebola, no Pró-DF. O local está cercado por mato e Antônio o ajudou a fazer a mudança para lá no início de dezembro, há menos de 60 dias. Esse é o tempo de incubação do vírus transmitido por roedores silvestres.

José Carlos suspeita também de dengue. Perto do comércio dele existe uma mina d'água que poderia abrigar larvas do mosquito transmissor da doença. “Vi agentes da vigilância sanitária colocando veneno lá e ficaram de visitar o meu estabelecimento também”, comentou o comerciante.

Antônio era divorciado e deixou um filho de 14 anos. O secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, disse que antes da chegada dos exames feitos no laboratório paulista não falará sobre a doença que provocou a morte.